



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

PROFANAÇÃO¹

José Rogério Rigo².

¹ Artigo referente ao projeto de pesquisa no curso de Mestrado em Educação nas Ciências da UNIJUI

² Taxa CAPES, aluno do Programa de Pós Graduação Mestrado em Educação nas Ciências na linha de pesquisa de Teorias pedagógicas e dimensões éticas e políticas da Educação.

Introdução

Este escrito tem por finalidade apresentar o pensamento de Giorgio Agamben. Este filósofo italiano hodierno busca através das assinaturas teológicas do mundo atual, compreendê-lo. Assinatura é algo que, "em um signo ou conceito, marca-os e excede-os para remetê-los a determinada interpretação ou determinado âmbito, sem sair, porém, do semiótico, para construir um novo significado ou um novo conceito" (AGAMBEN, 2011, p. 16). Especificamente apresentaremos a definição de profanação em Giorgio Agamben, para o mundo atual.

Metodologia

A metodologia a ser seguida é unicamente de pesquisa bibliográfica.

Resultados e discussões

O mundo ocidental é dito atualmente como secularizado, e a religião exerce um poder simbólico que é, conforme Pierre Bourdieu (2011), um poder subordinado, um modo transformado de poder e que muitas vezes é irreconhecível, mas que nunca deixa de ser uma maneira legitimada de poder e tem seu exercício porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. Há uma relação simbólica entre poder político e poder religioso.

Mas, hoje vivemos algo surpreendente onde a economia do livre mercado de consumo tornou-se religião oficial. Walter Benjamin (2010) apresenta o capitalismo como fenômeno religioso atual. Não precisamos mais da imagem de Deus para justificar modelos políticos, econômicos e sociais, pois o mercado tomou o seu lugar e nos colocou diante de um culto que não visa redenção, mas a culpa.

Segundo a reflexão de Benjamin, para Giorgio Agamben (2007), etimologicamente, religião não provém da raiz latina religare, mas de relegere, indicando uma relação de escrúpulo e de atenção às relações com os deuses. Concluímos, segundo este pensamento, que religião não é aquilo que une, que religa, mas justamente o que retira do uso habitual para consagrar aos deuses, separando o mundo entre profano e sagrado.

Fazendo uma breve distinção entre os conceitos de secularização e profanação, Agamben profere que: "A secularização é uma forma de remoção que mantém intactas as forças, que se restringem a deslocar de um lugar a outro" (AGAMBEN, 2007, p 68). A par disto, Agamben mostra que as assinaturas teológicas mantem-se presentes inseridas nos nossos conceitos de secularização política, onde transmuta-se a monarquia de Deus em poder terreno. Enquanto que a profanação, "o que



SALÃO DO CONHECIMENTO

UNIJUÍ 2013
Ciência • Saúde • Esporte



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

estava indisponível e separado perde a sua aura e acaba restituído ao uso” (AGAMBEN, 2007, p 68). Isto é, aquilo que antes tinha sido consagrado ao uso exclusivo dos deuses, agora não somente é restituído ao uso comum, como também faz-se necessário um novo uso do mesmo.

Deste modo, para Agamben (2007), as duas ações supracitadas são políticas. A primeira faz menção ao exercício do poder, encontrando suas assinaturas no sagrado. Já em relação à profanação, esta anula os dispositivos do poder, restituindo ao uso comum o que antes havia sido confiscado.

O termo sagrado, proveniente do vocábulo sacer, tem um significado ambíguo tanto de consagrado aos deuses, como de maldito. Assim, no Direito Romano, “a máquina pode assegurar a partilha do uso entre os humanos e os divinos e pode devolver eventualmente aos homens o que havia sido consagrado aos deuses” (AGAMBEN, 2007, p. 69). Dito isto, apresenta-se uma promiscuidade no sacrifício romano, uma vez que parte daquilo que havia sido consagrado, acaba sendo profanado por contágio e também consumido pelos homens, enquanto que a outra é totalmente dos deuses.

Já no cristianismo, com a noção de Jesus sendo verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus ao mesmo tempo, o envolvimento do próprio Deus como vítima do sacrifício e a separação que havia sido trazida pelo paganismo estava superada. Agora, numa única pessoa ha presença de duas naturezas, humana e divina, sendo criada uma zona de indecidibilidade entre o sagrado e o profano, alcançando um ponto limítrofe onde “a esfera divina está sempre prestes a colapsar na esfera humana, e o homem já transpassa sempre para o divino” (AGAMBEN, 2007, p. 70).

Seguindo esta lógica, o capitalismo como religião da modernidade não é apenas uma secularização da fé, mas “é, essencialmente um fenômeno religioso que se desenvolve de modo parasitário a partir do cristianismo” (AGAMBEN, 2007, p. 70).

Na religião do mercado o primeiro dogma é a necessidade de consumo. O consumo é sacralizado e o humano é rebaixado à condição de objeto. O consumo é o rito improfanável que mantém a religião do mercado capitalista de consumo. Tudo parece ter-se tornado sagrado e necessário na absolutização capitalista da mercadoria.

Para Agamben (2007), o consumo é algo que está na expectativa ou no passado, ele destrói necessariamente a coisa, tornando impossível ou negando o uso. O uso não é algo que se possa ter a não ser no instante de seu desaparecimento.

Para Agamben, profanar a religião capitalista do mercado de consumo é uma tarefa das gerações que estão por vir: “Se hoje os consumidores na sociedade de massa são infelizes, não é só porque consomem objetos que incorporam em si a própria não-usabilidade, mas também e, sobretudo porque acreditam que exercem o seu direito de propriedade sobre os mesmos, porque se tornaram incapazes de profanar” (AGAMBEN, 2007, p. 72).

Profanar é restituir o uso comum daquilo que outrora era sagrado, isto é, tirar da esfera dos deuses para o uso cotidiano, comum, mas com uma nova dimensão de uso e isto, para Agamben (2007), é um ato político.

Conclusão

Portanto a tarefa política que nos é colocada é a profanação, no sentido de não apenas abolir ou cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um novo uso de repor o “sacro” ao uso democrático e comum. A profanação da linguagem que cria a literatura e transforma nossas meta-





SALÃO DO UNIJUÍ 2013
CONHECIMENTO
Ciência • Saúde • Esporte



Modalidade do trabalho: Ensaio teórico

Evento: XVIII Jornada de Pesquisa

narrativas em narrativas, a profanação da forma que cria a arte, a profanação dos conceitos que cria a filosofia e a profanação da moral que cria a ética.

Palavras-Chave: Teologia, Filosofia, Contemporaneidade.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. Profanações. São Paulo: Boitempo, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. O Reino e a Glória. São Paulo: Boitempo, 2011.

BENJAMIN, Walter. O anjo da história. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2011.



Para uma VIDA de CONQUISTAS